

>> *Relatos de Experiência*

Tematização dos esportes no Ensino Médio integrado: inspirações epistemológicas no currículo crítico-libertador da Educação Física

Daniel Teixeira Maldonado¹

Resumo:

O objetivo deste artigo foi relatar uma experiência político-pedagógica com a tematização dos esportes no Ensino Médio integrado à luz do currículo crítico-libertador. As atividades de ensino ocorreram com duas turmas do 1º ano (Informática e Administração) de um campus do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Durante dois bimestres letivos do ano de 2023 (aproximadamente 40 aulas) foram organizadas vivências relacionadas a esportes coletivos, alternativos, radicais e para pessoas com deficiência. As relações de gênero, classe social e raça que atravessam essas práticas corporais foram problematizadas em todo o projeto educativo, possibilitando a análise de reportagens jornalísticas e documentários, além da produção de um jornal com pessoas do gênero feminino que fazem parte do mundo esportivo. Ao final do processo, por conta das atividades avaliativas realizadas, foi possível perceber tomadas de consciência e ampliação da leitura de mundo sobre as práticas esportivas tematizadas, evidenciando a potencialidade da educação libertadora para efetivar uma pedagogia crítica nas aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-chave:

Educação Física Escolar. Educação Libertadora. Educação Profissional de Nível Médio. Juventudes.

Thematization of sports in integrated high school: epistemological inspirations in the critical-liberating curriculum of Physical Education

Abstract: The objective of this article was to report a political-pedagogical experience with the theme of sports in high school integrated in the light of the critical-liberating curriculum. The teaching activities took place with two 1st year classes (Computing and Administration) on a campus of the Federal Institute of São Paulo (IFSP). During two academic terms in 2023 (approximately 40 classes), experiences related to team, alternative, extreme sports and sports for people with disabilities were organized. The relations of gender, social class and race that permeate these bodily practices were problematized throughout the educational project, enabling the analysis of journalistic reports and documentaries, in addition to the production of a newspaper with female people who are part of the sporting world. At the end of the process, due to the evaluative activities carried out, it was possible

¹ Doutor em Educação Física, professor do Instituto Federal de São Paulo. E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0420-6490>

to notice awareness and an expansion of the world's understanding of thematic sports practices, highlighting the potential of liberating education to implement a critical pedagogy in School Physical Education classes.

Keywords: School Physical Education. Liberating Education. Secondary Professional Education. Youths.

Tematización del deporte en la escuela secundaria integrada: inspiraciones epistemológicas en el currículo crítico-liberador de la Educación Física

Resumen: El objetivo de este artículo fue relatar una experiencia político-pedagógica con la temática del deporte en la escuela secundaria integrada a la luz del currículo crítico-liberador. Las actividades docentes se desarrollaron con dos clases de 1º año (Informática y Administración) en un campus del Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Durante dos semestres académicos de 2023 (aproximadamente 40 clases), se organizaron experiencias relacionadas con deportes de equipo, alternativos, extremos y deportes para personas con discapacidad. Las relaciones de género, clase social y raza que permean estas prácticas corporales fueron problematizadas a lo largo del proyecto educativo, posibilitando el análisis de reportajes periodísticos y documentales, además de la producción de un periódico con personas femeninas que forman parte del mundo deportivo. Al final del proceso, gracias a las actividades evaluativas realizadas, se pudo constatar una concientización y una ampliación de la comprensión en el mundo de las prácticas deportivas temáticas, destacando el potencial de la educación liberadora para implementar una pedagogía crítica en las clases de Educación Física Escolar.

Palabras clave: Educación Física Escolar. Educación Liberadora. Educación Secundaria Profesional. Jóvenes.

1 Introdução

A Educação Física no Ensino Médio perde mais espaço a cada dia, principalmente por conta da reforma neoliberal efetivada no contexto brasileiro nos últimos anos (JUCÁ; MALDONADO; BARRETO, 2023). Nessa conjuntura, a educação profissional de nível médio oferecida pelos Institutos Federais se tornou um bastião de resistência em muitos estados brasileiros. Especificamente no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) foram construídas diretrizes curriculares que garantem um pouco mais de espaço para o componente curricular, possibilitando que os(as) jovens que estudam nesses contextos continuem acessando os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade sobre as práticas corporais (MALDONADO; VELLOSO; FREIRE, 2022).

É nesse cenário nebuloso, neoliberal e antidemocrático dos últimos anos que pesquisadores(as) da área de Educação Física passam a sistematizar uma perspectiva crítico-libertadora do componente, pois o pensamento freireano ganha força e começa a inspirar muitos projetos educativos e se tornar base epistemológica de investigações científicas (LOPES; NOGUEIRA; MALDONADO, 2023).

As obras produzidas por Sousa, Nogueira e Maldonado (2019), Meireles *et al.* (2021) e Bossle, Prodócimo e Maldonado (2023) evidenciam a educação libertadora de Paulo Freire como uma possibilidade de inspirar a prática político-pedagógica dos(as) docentes da Educação Física Escolar.

Assim, o objetivo desse estudo foi relatar uma experiência político-pedagógica com a tematização dos esportes no Ensino Médio integrado à luz do currículo crítico-libertador. As atividades de ensino ocorreram com duas turmas do 1º ano (Informática e Administração) de um campus do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) durante dois bimestres letivos do ano de 2023 (aproximadamente 40 aulas). O texto foi escrito a partir do diário de campo e dos registros desenvolvidos pelo próprio professor.

Velloso *et al.* (2023) mencionam que as publicações de experiências político-pedagógicas que envolvem as aulas de Educação Física Escolar podem se tornar elementos potentes para problematizar vivências transgressoras e contra hegemônicas no cotidiano escolar. Assim, inspirado nessa análise, a escrita desse artigo foi produzida.

2 Educação Física Escolar crítico-libertadora e a tematização dos esportes

O tema esporte passa a ser evidenciado nas aulas de Educação Física no segundo bimestre de 2023 por conta da Copa do Mundo de futebol feminino. Pela primeira vez na história, o IFSP cancela as aulas para que toda a comunidade escolar possa assistir aos jogos do megaevento esportivo. Percebendo essa dinâmica, elegemos as práticas esportivas como temática das aulas, pois o currículo crítico-libertador do componente defende que os temas de qualquer projeto educativo realizado no ambiente escolar devem ser sistematizados a partir de uma investigação temática, para que o(a) educador(a) possa problematizar saberes que façam sentido e significado para aquela comunidade escolar, evitando a invasão cultural (MALDONADO; PRODÓCIMO, 2022).

A primeira atividade de ensino que fizemos foi visitar a exposição intitulada Rainha de Copas, organizada no Museu do futebol na cidade de São Paulo, momento esse que conhecemos as jogadoras brasileiras que atuaram pela seleção, as dificuldades que as mulheres sofreram para se profissionalizar nessa prática corporal e a história de todas as copas femininas.

O site organizado para divulgar a exposição menciona que o caminho percorrido pelas mulheres até conquistarem o direito de disputar uma Copa do Mundo foi contrário àquele percorrido pelos homens: exatos 61 anos separam a estreia do mundial masculino, em 1930, da primeira edição oficial feminina, em 1991. Com curadoria de Aira Bonfim, Juliana Cabral, Lu Castro e Silvana Goellner, a mostra explora histórias até hoje pouco conhecidas pelo público, trazendo imagens que estavam restritas a acervos pessoais e que foram exibidas pela primeira vez, além de dados que revelaram a grandeza das mulheres que participaram das Copas do Mundo e suas conquistas individuais e coletivas².

Ao voltar para o IFSP, os(as) estudantes apresentaram as histórias que aprenderam sobre as jogadoras que disputaram as copas, como a Formiga, Marta, Cristiane, Pretinha, dentre outras, refletindo sobre as dificuldades que essas mulheres viveram em seus contextos históricos para se tornar profissionais da modalidade esportiva. Esse momento foi muito potente, já que algumas educandas pediram que se realizasse um convite para mulheres (profissionais ou amadoras) envolvidas com as práticas corporais organizarem uma roda de conversa no campus, pois elas sentiam atitudes machistas dos colegas na instituição escolar.

Ao se inspirar na educação libertadora proposta por Paulo Freire, docentes de Educação Física precisam sistematizar a sua prática político-pedagógica utilizando as linguagens produzidas pela humanidade, possibilitando tomadas de consciência sobre os

² Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/rainhas-de-copas/>

marcadores socioculturais que atravessam as práticas corporais (MALDONADO; VELLOSO, 2022). Por conta disso, visitar museus, apreciar filmes, analisar músicas e poesias, por exemplo, são atividades de ensino que possibilitam leituras densas da realidade por parte dos(as) estudantes (NOGUEIRA; MALDONADO; FREIRE, 2023).

Ao finalizar o diálogo, vivenciamos diversificadas formas de jogar futebol (futebol de botão, futebol de cinco e pebolim), problematizando diferentes experiências que são possíveis de serem realizadas com essa prática da cultura corporal.

Figura 1 – Atividades de ensino relacionadas com diferentes formas de jogar futebol



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dando continuidade ao projeto, assistimos ao filme *Boleiros*³, analisando de forma coletiva a relação do futebol com a sociedade. Nesse contexto, cada grupo de estudantes ficou responsável em fazer uma reflexão sobre as narrativas relacionadas com o racismo, o machismo e a desigualdade socioeconômica que perpassa o mundo da bola, trazendo para o debate as análises sociológicas de Schwarcz (2019) no livro intitulado “Sobre o autoritarismo brasileiro”.

Depois das análises e vivências sobre o futebol, passamos a experienciar modalidades esportivas que são realizadas de forma mista (homens e mulheres), tentando desconstruir o binarismo tão presente nessas manifestações da cultura corporal. Decidimos coletivamente problematizar sobre o frisbee, badminton e o frescobol, além de vivenciar a sua gestualidade. Dialogar com os(as) jovens sobre as opressões de gênero que atravessam as práticas corporais foi preponderante, pois percebíamos a todo momento (nos processos de investigação temática) que essa problemática se fazia latente nas turmas.

Figura 2 – Registros das vivências de frisbee e badminton



Fonte: Elaborado pelo autor.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G83Xb36CZII>

Para ampliar esse debate, fizemos a leitura de reportagens jornalísticas do blog Dibradoras, do Portal Geledés, do Jornal El País e da Revista Carta Capital, sempre evidenciando as relações de gênero que atravessam o mundo esportivo. Alguns exemplos dos títulos que debatemos foram: “Futebol feminino: a história de uma modalidade que se tornou causa política⁴”, “A luta pela inclusão de todas as mulheres nos esportes⁵”, “Testes obrigavam atletas a comprovar que eram mulheres nos Jogos Olímpicos⁶”, e “O futebol feminino tem o que sempre quis. Mas, e depois da Olimpíada?⁷”.

Logo após essa atividade, estudamos a história de mulheres envolvidas com os esportes e realizamos um jornal com diferentes reportagens contando as suas experiências de vida. Assim, foram evidenciados os contextos vividos por atletas que praticam modalidades esportivas para pessoas com deficiência (Victória Amorim – goalball, Jane Karla – tiro com arco, Janaína Petit – vôlei sentado, Elisabeth Gomes – arremesso de peso, Carol Santiago – natação, Mariana D’Andrea – halterofilismo, Adria Santos – atletismo, Andreza Vitória – bocha e Jade Lanai - tênis) e convencionais (Aida dos Santos – atletismo, Maria Lenk – natação, Maria Esther Bueno – tênis, Tiffany Abreu – vôlei, Amanda Nunes – artes marciais mistas, Ana Beatriz Bulcão – esgrima, Rebeca Andrade – ginástica, Adriana Araújo – boxe e Maria Suelen Altheman - judô).

Esse momento do projeto foi muito potente, pois a maioria dos(as) estudantes não conhecia tantas mulheres brasileiras envolvidas nas práticas esportivas. Também foram realizadas pesquisas de atletas de outros países, como Serena Williams, Simone Biles, Megan Rapinoe, Caster Semenya e Billie Jean King. Outro ponto relevante foi problematizar a participação de pessoas transexuais e intersexuais no esporte feminino, utilizando duas crônicas como materiais educativos para conduzir as reflexões.

O primeiro texto elaborado pela jornalista Mariana Lajolo foi intitulado como “Menino ou menina?”⁸ A autora conta a história da corredora indiana Dutee Chand, que é uma mulher que produz mais testosterona do que a média das suas adversárias e teve seu corpo controlado por conta dessa questão biológica, já que isso poderia ocasionar algum tipo de “vantagem” para ela nas provas do atletismo.

A crônica intitulada “Atletas trans sobre o olhar da ciência”⁹, que foi escrita pelo médico Bruno Gualano, também foi debatida. O autor apresenta o conhecimento científico mais recente sobre a participação de mulheres trans nos esportes de acordo com o gênero que

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-12-23/futebol-feminista-a-historia-da-modalidade-que-se-tornou-uma-causa-politica-no-brasil.html>

⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/a-luta-pela-inclusao-de-todas-as-mulheres-nos-esportes/>

⁶ Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/03/24/teste-obrigava-atletas-a-comprovar-que-eram-mulheres-nos-jogos-olimpicos/#:~:text=Nos%20Jogos%20O%C3%ADmpicos%20da%20Cidade,tiveram%20que%20fazer%20o%20exame.>

⁷ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-futebol-feminino-finalmente-tem-o-que-sempre-quis-mas-e-depois-da-olimpiada/>

⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariana-lajolo/2015/07/1662613-menino-ou-menina.shtml>.

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-gualano/2023/03/atletas-trans-sob-o-olhar-da-ciencia.shtml>

se identificam, evidenciando que não existe comprovação até o momento que demonstre vantagens para essas pessoas, além de apontar as opressões sociais que os(as) transexuais vivem em todo mundo, descartando qualquer possibilidade de uma “invasão trans” no meio esportivo defendido por grupos conservadores e que não apoiam as suas narrativas na realidade concreta.

Para finalizar o debate sobre gênero e esporte, convidamos uma ex estudante do campus, que treina equipes universitárias de handebol na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) atualmente, para realizar uma oficina com a turma sobre a realidade das mulheres no esporte e os preconceitos que elas sofrem diariamente enquanto vivenciam as práticas corporais que gostam. Durante o diálogo, ela relatou situações abusivas relacionadas com a torcida masculina e a dificuldade das atletas se tornarem reconhecidas pelas suas habilidades nas modalidades esportivas e não pelo seu corpo.

O currículo crítico-libertador da Educação Física possui como essência que os(as) docentes compreendam a educação como ato político (MALDONADO, 2023; PRODÓCIMO, 2022), sistematizando uma prática político-pedagógica dos(as) oprimidos(as) e não para eles(as) (BOSSLE, 2021; 2023), tornando, dessa forma, o ambiente escolar um espaço de construção coletiva de saberes transgressores, principalmente daquelas pessoas que não se encaixam nos meandros meritocráticos e excludentes do sistema capitalista.

Depois de conhecer diversas mulheres que praticam esportes adaptados e ampliar a leitura de mundo sobre temas contemporâneos relacionados com as manifestações da cultura corporal, experienciamos a gestualidade de algumas práticas esportivas para pessoas com deficiência (basquete em cadeira de rodas, goalball, vôlei sentado e bocha adaptada), organizando um debate sobre a realidade vivida por esses seres humanos na nossa sociedade. Essas reflexões se mostraram muito transgressoras, pois estamos longe de construir uma estrutura societária verdadeiramente inclusiva para todos e todas.

Figura 3 – Registros das aulas de goalball e vôlei sentado



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ampliando as experiências das aulas, passamos a vivenciar modalidades esportivas desconhecidas pela turma, como o tchoukball¹⁰ e o kimball¹¹. Essas práticas corporais foram tematizadas porque existe um discurso que esses esportes causam menos lesões pelo motivo do contato entre os(as) jogadores(as) se reduzirem. Além disso, a dinâmica do jogo muda completamente das outras modalidades mais comuns no Brasil, ampliando a consciência tática dos(as) estudantes.

Figura 4 – Registros das aulas de tchoukball e kimball.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra experiência que tivemos foi vivenciar algumas práticas corporais de aventura, como o slackline. Também convidamos um morador da cidade de Jacareí, que é um dos maiores atletas de bicicross do Brasil, para realizar uma oficina com as turmas explicando todas as características dessa modalidade esportiva radical, além de desconstruir algumas visões ingênuas sobre o esporte de alto nível, dialogando com os(as) jovens sobre a utilização de anabolizantes, a dificuldade para conseguir patrocinadores e a falta de reconhecimento de pessoas envolvidas com as práticas corporais com menor visibilidade no território brasileiro.

¹⁰ O jogo de Tchoukball é fruto de uma mistura de princípios de outras três modalidades: Pelota Basca (praticamente desconhecido no Brasil), Voleibol e Handebol. Possui duas características singulares em relação aos demais Esportes Coletivos: a presença de dois quadros de remissão, localizados nas linhas de fundo da quadra, em que a bola deve ser arremessada em qualquer quadro para conquistar os pontos, ou seja, as equipes não possuem um campo de ataque e um campo de defesa; e a ausência de contato físico entre os participantes, já que todos os passes – limitados a três por equipe – não podem ser interceptados pelo adversário (GIGLIO, 2011, p. 61).

¹¹ O jogo é composto por três tempos de 15 minutos cada. A equipe que acumular mais pontos no final vence a partida. Para iniciar a jogada, três jogadores da mesma equipe estão debaixo da bola (base), segurando o implemento com as mãos acima da cabeça, enquanto o quarto elemento (batedor) prepara o serviço. Os outros dois times adversários devem estar alerta e preparados para a recepção. O competidor que realiza a rebatida na bola, deve pronunciar de forma perceptível a palavra “OMNIKIN” que significa jogador em movimento e a cor de uma das equipes adversárias e só depois deverá executar a jogada, imprimindo à bola uma trajetória horizontal ou ascendente. O time da cor chamada precisa receber a bola sem deixá-la cair no chão. Caso isso ocorra, é atribuído um ponto para as outras duas equipes. Se a bola é recebida e controlada pelo time chamado, é a sua vez de executar o serviço, não havendo marcação de pontos (MENDONÇA; CARVALHO; RODRIGUES, 2017).

Figura 5 – Roda de conversa com um atleta de bicicross da cidade de Jacareí



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, após problematizar os marcadores socioculturais de gênero, religião, raça, deficiência e classe social que atravessam as práticas corporais, os(as) estudantes produziram fotos com cenários que problematizavam esses temas. As imagens destacadas a seguir apontam as enormes barreiras que as mulheres ainda precisam percorrer para ganhar visibilidade nos esportes e o preconceito contra as pessoas que assumem a religião de matriz africana no meio do futebol. Temas relacionados com o racismo, o machismo, a homofobia, a corrupção e a utilização de drogas ilícitas no mundo dos esportes também apareceram nos trabalhos realizados pelos(as) estudantes, evidenciando tomadas de consciência e ampliação da leitura de mundo de todos e todas que participaram do projeto educativo.

Figura 6 – Fotos produzidas pelos(as) jovens que versam sobre as relações de gênero e de religião que atravessam as práticas esportivas.



Fonte: pelo autor.

As atividades de ensino foram finalizadas com a apreciação e análise do filme *Entremundo*, que problematiza a realidade desigual de São Paulo, mostrando como que as pessoas de diferentes classes sociais vivenciam as práticas corporais. Ao realizar uma produção de texto sobre a temática, muitos(as) jovens apontaram que as desigualdades socioeconômicas ainda impedem que os(as) moradores(as) dos bairros mais periféricos experienciem práticas esportivas em seu tempo de lazer, principalmente porque esses espaços não possuem infraestrutura adequada e políticas públicas que ofereçam essas manifestações da cultura corporal de forma gratuita para a população.

Nesse cenário, Maldonado e Nogueira (2020) e Maldonado, Farias e Nogueira (2021) mencionam que a perspectiva curricular crítico-libertadora da Educação Física reposiciona a função social do componente na Educação Básica, possibilitando que os(as) docentes da área organizem cotidianamente atividades de ensino que busquem problematizar a realidade material opressora que se faz presente nas práticas corporais, buscando sempre a

conscientização e a autonomia dos sujeitos para que se possa ter a utopia de se construir uma sociedade justa, plural e diversa.

Em diálogo com Jucá (2024), finalizamos essas reflexões defendendo que a educação libertadora potencializa uma prática político-pedagógica interseccional na Educação Física Escolar, em que os marcadores socioculturais de raça, gênero, classe social, deficiência e religião que atravessam as práticas corporais sejam problematizados, com a tentativa de construir efetivamente uma educação inclusiva.

3 Considerações Finais

Reconhecemos que o avanço do neoliberalismo e das políticas educativas desenhadas para o Ensino Médio no território brasileiro torna cada dia mais difícil pensar em projetos educacionais que visem a produção de identidades críticas nas juventudes. Todavia, Paulo Freire nos ensinou que é preciso compreender a história como tempo de possibilidades, inviabilizando qualquer discurso fatalista da realidade em que vivemos.

Nesse contexto, o projeto educativo em tela durou aproximadamente seis meses, possibilitando que educador e educandos(as) vivenciassem experiências relacionadas com as práticas esportivas, seja experienciando a gestualidade dessas manifestações culturais ou problematizando a produção de conhecimento construída pela humanidade ao longo do tempo sobre essas temáticas, procurando sempre agir nas “brechas do sistema” para efetivar uma prática político-pedagógica transgressora.

Por fim, defendemos a potencialidade da educação libertadora para efetivar uma pedagogia crítica nas aulas de Educação Física Escolar, possibilitando que os(as) jovens ampliem o seu pensamento crítico e tomem consciência sobre a realidade que perpassa os esportes e as demais práticas da cultura corporal na conjuntura contemporânea.

Referências

BOSSLE, Fabiano. Carta-Utopia: palavras para uma teoria pedagógica da educação física escolar crítico-libertadora. *In*: MEIRELES, Bruno Freitas et al (Orgs.). **Freireando há 100 anos: o encontro com a Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2021. p. 139-150.

BOSSLE, Fabiano. Algumas notas para a constituição de uma teoria pedagógica crítico-libertadora da Educação Física (Escolar): corpo do oprimido/corpo-consciente/onto-episteme. *In*: BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023. p. 52-78.

BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023.

GIGLIO, Sérgio Settani. Tchoukball: que esporte é esse? **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, n. 1, p. 56-68, 2011.

JUCÁ, Luan Gonçalves. **A inclusão como um ato político**: um olhar ampliado e interseccional da práxis dos(as) professores(as) de Educação Física no Ensino Médio

Integrado. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2024.

JUCÁ, Luan Gonçalves; MALDONADO, Daniel Teixeira; BARRETO, Samara Moura. Na corda bamba de sombrinha: a Educação Física no fio da história na base nacional comum curricular do ensino médio. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/93798>. Acesso em: 19 set. 2024.

LOPES, Priscila Rita Niquini Ribeiro; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar crítica: movimento de resistência pela Educação libertadora de Paulo Freire. In: MALDONADO, Daniel Teixeira (Org.). **A vida nas escolas: por uma prática político-pedagógica crítica da Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2023. p. 119-140.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Paulo Freire com a Educação Física Escolar: problematizações sobre educar como ato político. In: BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023. p. 15-25.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Lendo o mundo nas aulas de educação física no ensino médio: por uma ecologia de saberes contra-hegemônicos sobre as práticas corporais e o corpo. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 1-8, set./dez. 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação física no ensino médio: experiências educativas inspiradas pelos ensinamentos freireanos. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 49-54, jan./abr. 2020.

MALDONADO, Daniel Teixeira; PRODÓCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, ano VII, v. 3, p. 6-23, 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira; VELLOSO, Livia Roberta da Silva. Educação Física Escolar no Ensino Médio integrado: a busca por justiça curricular a partir de diferentes linguagens sobre as práticas corporais. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 01-22, 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira; VELLOSO, Livia Roberta da Silva; FREIRE, Elisabete dos Santos. Reforma do Ensino Médio, Base Nacional Comum Curricular e Educação Física nos Institutos Federais: contradições societárias e politécnica. **Didática Sistemática**, v. 24, n. 2, p. 81-93, 2022.

MEIRELES, Bruno *et al.* **Freireando há 100 anos: o encontro com a Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2021.

MENDONÇA, Luisa; CARVALHO, João; RODRIGUES, Ana. Kin-ball - Uma abordagem em Contexto Escolar. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESPORTO E CIÊNCIA**, 2017, Funchal. **Anais...** Funchal: Universidade da Madeira, Portugal, 2017. p. 123-129.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, p. 296-319, 2023. Edição Especial.

PRODÓCIMO, Elaine. Educação Física Escolar e pedagogia freireana como ato político. *In*: FREIRE, Elisabete dos Santos *et al.* **Saberes de professores e professoras de Educação Física: docência, pesquisa e o currículo em ação**. Curitiba: CRV, 2022. p. 21-38.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA, Cláudio Aparecido de; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (Org). **Educação Física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba: Editora CRV, 2019.p. 17-31.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva *et al.* Cultura das lutas na Educação Física Escolar: por uma educação politécnica no IFSP. **Cadernos do Aplicação**, v. 35, n. 1, p. 1-9, 2023.

Contribuições da autoria

Daniel Teixeira Maldonado: Planejamento e elaboração do roteiro do texto. Redação inicial. Revisão de literatura. Redação e revisão final do artigo.

Data de submissão: 25/12/2023

Data de aceite: 04/01/2024